

TORNANDO-ME PROFESSORA: Trajetórias insubordinadas na formação com imagens, narrativas e sons

Elaine Sotero¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O presente texto trata de reflexões feitas no decorrer de minha graduação no curso de Pedagogia, pensando em como as minhas redes de *conhecimentossignificações*² (ALVES, 2011) foram tecidas até me tornar uma professora, apesar de todas as dificuldades que vivi. Através das conversas com os cotidianos (CERTEAU, 1998), busco compreender a tessitura do conhecimento em redes (ALVES, 2003), descobrindo então que todas as experiências que tive me fizeram ser a professora que hoje sou. Partindo de experiências com imagens, narrativas e sons, analiso como os filmes *Preciosa* (2009) e *Escritores da Liberdade* (2007) intercedem (DELEUZE; GUATTARI, 1992) e conversam (ALVES, CALDAS, ROSA, 2015) com minhas redes e com muitas das reflexões que tive no decorrer da minha graduação. Percebo, assim, que para se pensar em uma prática educativa emancipatória é preciso se considerar nos cotidianos escolares todas as contribuições dos “*docentesdicentes*” como formas de se criar um currículo (GOMES, 2012) insubordinado às mazelas da educação.

Palavras-chave: docência; cinema; redes educativas.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ faz parte do GrPesq - Currículos, redes educativas, imagens e sons.
E-mail: elainesotero2@gmail.com

² A dicotomia foi própria da construção da ciência em suas origens, na Modernidade, mas para nós que trabalhamos em pesquisas com os cotidianos ela tem significado limites ao que precisamos criar para compreender a tessitura de “*conhecimentossignificações*”, nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam. Por esse motivo, preferimos escrever as palavras - que aprendemos dicotomizadas com os modos hegemônicos de pensar e escrever desse modo - juntas e em itálico - para mostrar os limites dessa maneira de pensar e indicando que buscamos criar outros modos de “*prácticateorias*”.

BECOMING A TEACHER: Insubordinate trajectories in the formation of images, narratives and sounds

Summary

This text deals with reflections made during my undergraduate course in Pedagogy, thinking about how my networks of knowledge (ALVES, 2011) were woven until I became a teacher, despite all the difficulties I experienced. Through the conversations with the daily ones (CERTEAU, 1998), I try to understand the texture of the knowledge in networks (ALVES, 2003), discovering then that all the experiences that I had made me to be the teacher that I am today. Starting with our experiences with images, narratives and sounds, I analyze how the films *Preciosa* (2009) and *Escritores da Liberdade* (2007) intercede (DELEUZE; GUATTARI, 1992) and talk (ALVES, CALDAS, ROSA, 2015) with my networks and with many of the reflections I had during my graduation. Thus, in order to think of an emancipatory educational practice, it is necessary to consider all the contributions of the teachers as a way of creating a curriculum (GOMES, 2012) that is insubordinate to the problems of education.

Keywords: teaching; movie theater; educational networks.

ME CONVIERTO EN PROFESORA: Trayectorias insubordinadas en la formación con imágenes, narrativas y sonidos

Resumen

El presente texto trata de reflexiones hechas en el transcurso de mi graduación en el curso de Pedagogía, pensando en cómo mis redes de conocimientos (LVES, 2011) fueron tejidas hasta convertirse en una profesora, a pesar de todas las dificultades que he vivido. A través de las conversaciones con los cotidianos (CERTEAU, 1998), busco comprender la tesitura del conocimiento en redes (ALVES, 2003), descubriendo entonces que todas las experiencias que tuve me hicieron ser la profesora que hoy soy. (2009) y Escritores de la Libertad (2007) interceden (DELEUZE, GUATTARI, 1992) y conversan (ALVES, CALDAS, ROSA, 2015) con mis redes y sus discursos, con muchas de las reflexiones que tuve en el curso de mi graduación. En el caso de que se trate de una práctica educativa emancipatoria, es necesario considerar en los cotidianos escolares todas las contribuciones de los docentes como una forma de crear un currículo (GOMES, 2012) insubordinado a las molestias de la educación.

Palabras clave: docencia; cine; redes educativas.

INTRODUÇÃO

O presente texto trata de reflexões feitas no decorrer de minha graduação no curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pensando em como as minhas redes educativas de *conhecimentossignificações*³ foram tecidas até me tornar uma professora, apesar de todas as dificuldades que vivi. Através das conversas com os cotidianos, busco compreender a ideia das pesquisas com os cotidianos e a tessitura do conhecimento em redes, descobrindo então que todas as experiências individuais e coletivas que tive me fizeram ser a professora que hoje sou.

Partindo de nossas experiências com as imagens, narrativas e sons analiso como os filmes *Preciosa* (2009) e *Escritores da Liberdade* (2007) conversam com minhas redes e com muitas das reflexões que tive no decorrer da minha graduação. Percebo, assim, que para se pensar em uma prática educativa emancipatória é preciso se considerar nos cotidianos escolares todas as contribuições dos “*docentesdicentes*” como formas de se criar um currículo nos cotidianos de forma insubordinada às mazelas da educação contemporânea.

Com essas considerações iniciais, parto para relembrar como as minhas redes educativas foram formadas no decorrer de minha formação pessoal. Uma das primeiras memórias que tenho da minha infância é do meu sonho de vir a

³ A dicotomia foi própria da construção da ciência em suas origens, na Modernidade, mas para nós que trabalhamos em pesquisas com os cotidianos ela tem significado limites ao que precisamos criar para compreender a tessitura de “*conhecimentossignificações*” nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam. Por esse motivo, preferimos escrever as palavras - que aprendemos dicotomizadas com os modos hegemônicos de pensar e escrever desse modo - juntas e em itálico - para mostrar os limites dessa maneira de pensar e indicando que buscamos criar outros modos de “*prácticasteorias*”.

ser jornalista. Achava muito importante essa profissão, ao ver aquelas apresentadoras na televisão, falando sobre os acontecimentos do Rio de Janeiro e do Brasil. Sentia que aquela era a profissão que eu seguiria na minha vida adulta. Porém, não era esse destino que a trajetória que percorri me reservava

A minha educação foi praticamente toda em escolas públicas, estudei todo o meu ensino fundamental nelas. Minha trajetória na escola foi bem tranquila, apesar dessas mudanças, sempre fui de tirar notas boas, sem muita dificuldade. Acho que foi nesse momento que descobri que tinha interesse pela docência.

Por ter facilidade com os conteúdos da escola, comecei a dar aula de reforço escolar para crianças dos anos iniciais do Fundamental, no bairro. A vida de professora particular foi bem gratificante para mim, com a facilidade que eu tinha com os conteúdos da escola, era natural que eu pudesse ajudar as crianças mais novas com minha experiência. Além disso, dar essas aulas de reforço para as crianças também era uma oportunidade de complementar a renda da minha família, que era quase sempre apertada. Naquele momento eu não tinha noção da importância dessas minhas ações para a vida dos meus primeiros discentes, nem de como isso iria reverberar na minha escolha profissional e acadêmica futuramente. Já alfabetizei crianças que hoje em dia são adultos e que quando me encontram ainda se lembram de mim e falam: “ela já foi minha professora, aprendi a ler com ela!⁴”.

Quando passei para o Ensino Médio, apesar dessa breve experiência de prática docente, não quis fazer o curso de magistério, nem a formação regular, que era o que a escola municipal em que eu estudava oferecia. Fiz Ensino Médio Técnico em Informática, que era a sensação do momento, pensando em continuar trabalhando para ajudar nas finanças. No último ano do Ensino Médio, fiz estágio em um cursinho, no meu bairro, Cabuçu, em Nova Iguaçu, e ao final fui contratada. Trabalhei durante dois anos como instrutora de informática.

⁴ Essa história remete a outras, já que a prática de se ter ‘explicadoras’ era relativamente comum nas comunidades de baixa renda. Uma tática solidária de enfrentamento da precariedade da educação. No interior, havia os chamados professores leigos, mesmo nas escolas formais...

Nesse meio tempo, fiz a prova para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e passei para Comunicação Social, no Campus da Praia Vermelha.

Foram tempos difíceis, mesmo já trabalhando e tendo meu próprio dinheiro, não tinha como arcar com os custos de deslocamento, material, alimentação... A minha família não pode apoiar muito e também considerou que fazer faculdade não ia resolver muita coisa de imediato e que eu precisava me dedicar ao trabalho. O Estado na época não tinha políticas públicas como o bilhete único universitário para o transporte ou bolsas de permanência. Vale ressaltar que não tive nenhuma orientação pedagógica, o que teria sido muito válido, já que ter acesso a certas informações era difícil. Hoje temos facilidade com o avanço da internet e das redes sociais. Por todas estas dificuldades acabei desistindo de me matricular na vaga do curso de Comunicação.

Os anos se passaram, conheci aquele que viria a ser o pai do meu filho. Nós nos casamos e fomos morar juntos. Pouco depois engravidei do meu primeiro filho e comecei a me dedicar por completo à maternidade e à vida doméstica, deixando de lado, naquele momento meu sonho de estudar. Os anos foram se passando, Vinicius, meu filho, entrou para escola e comecei a auxiliá-lo com as tarefas de casa. Até que, um belo dia, tive dificuldade de ajudá-lo a efetuar uma conta de subtração. Percebi assim que todos aqueles anos de estudo e escolarização estavam sendo apagados da minha memória. Os conhecimentos que adquiri deixaram de fazer parte das questões significativas que faziam parte do meu cotidiano, ou seja, deixei de pôr em prática aquilo que aprendi e não conseguia mais compreender as lógicas dos cálculos matemáticos mais simples.

Senti-me muito mal por não conseguir ajudar meu filho com a tarefa de casa e decidi que devia voltar a estudar e realizar de fato o meu sonho de ingressar no ensino superior. Nesse meio tempo tive a minha filha Yasmin e percebi que tinha uma responsabilidade ainda maior de criar pessoas nesse mundo. Não podia ficar dependendo somente dos pais dos meus filhos e, por isso, precisava conseguir me manter sozinha e ser uma referência para meus filhos.

Já havia desistido fazia um certo tempo de ser jornalista, então comecei a pesquisar sobre as opções que tinha nos vestibulares e pensei em fazer História. Com o incentivo de uma amiga fui fazer o pré-vestibular, no Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ).

A decisão de cursar Pedagogia foi fácil de ser tomada. Mesmo tendo deixado outros sonhos para trás, senti que a Pedagogia me ajudaria na formação dos meus filhos e na minha própria também, porque é um curso abrangente que lida com várias áreas do meu interesse. E ainda me levaria a contribuir na formação de muitas outras crianças, como já havia feito no passado, de modo informal, no meu bairro. Além das expectativas de minha família e da minha própria autoconfiança passei no vestibular da UERJ e ingressei no segundo semestre de 2014.

Mais uma vez, o ingresso na Universidade foi uma dificuldade para mim. Desta vez eu tinha uma família para cuidar e não podia simplesmente sair pedindo ajuda para outras pessoas. Precisava conseguir por mim mesma me manter na UERJ. Por falta de conhecimento e de orientação não me inscrevi no sistema de cotas, mas a mesma amiga que me incentivou a voltar a estudar me disse da possibilidade de conseguir alguma bolsa de pesquisa na graduação. Assim consegui uma bolsa de iniciação científica no Laboratório Educação e Imagem. Se a vida de graduanda já era outra realidade para mim, o mundo das pesquisas acadêmicas era mais surpreendente ainda.

Para minha surpresa, me adaptei com facilidade às demandas do laboratório. A partir das leituras e das conversas fui conhecendo cada vez mais as pesquisas com os cotidianos feitas pela professora Nilda Alves e o grupo. Descobri a importância dos filmes na formação dos professores e dos alunos e principalmente compreendi a ideia de redes. As redes que descobri com as pesquisas com os cotidianos são todas as tessituras que fazemos com as nossas experiências que tivemos no decorrer de nossas vidas, aliadas a novas e permanentes descobertas. Afinal, cada um de nós constituímos redes diferentes e por isso agimos e tomamos iniciativas de formas diferentes. Isso foi importante para compreender que cada um tem seu tempo e sua forma de lidar

com as coisas por causa das redes que tecemos no decorrer de nossas vidas. Foram as minhas tessituras que me fizeram escolher a carreira docente e contribuíram para eu ir me tornando professora.

Mesmo com a bolsa de iniciação científica ainda era difícil me manter na Faculdade, então, desde o primeiro período, fui encontrando outras maneiras de me manter. Fiz faxina, entreguei jornal, vendi sacolés, mas o que mais me deu estabilidade foi estagiar no Centro de Educação e Cultura (CEC), na Barra.

A experiência de estagiar em uma escola foi de grande importância para a minha formação como professora. O contato com a prática nos cotidianos da escola me fez entender que “*prácticateoriaprática*” são dimensões indissociáveis no fazer pedagógico, em sala de aula e no laboratório, e também trazem questões para serem discutidas nos diferentes espaços acadêmicos. Foi no CEC que botei à prova a minha vontade de ser professora e descobri, de fato, que a profissão da minha vida era ser professora.

No decorrer da graduação e com todas as experiências que tive até este momento em que finalizei o Curso de Pedagogia, descobri que todas as experiências por que passei foram o que me fizeram me tornar professora: a minha formação inicial, os primeiros contatos com o chamado reforço escolar, as experiências com as tecnologias da informática, a maternidade, a iniciação científica, as disciplinas da graduação e finalmente as experiências de estágio. Ou seja, só sou uma professora hoje por causa de todas as redes educativas que teci durante a minha vida.

Caminhando por cotidianos, redes educativas e pesquisas - abordagem teórica

Para iniciar essas considerações precisamos compreender o questionamento teórico que trazemos para a discussão, reconhecendo que a sociedade em que vivemos atualmente é marcada por paradigmas que têm

origens na época conhecida como Modernidade, onde as ideias postuladas pela Ciência

implantaram a compreensão de que o conhecimento se constrói com as pesquisas desenvolvidas pelos cientistas dentro da metáfora da árvore (Lefebvre, 1983), vimos que a criação dos conhecimentos nos cotidianos era feita em redes, segundo esse mesmo autor. Desse modo, nas pesquisas com os cotidianos, adotamos a ideia de que os *conhecimentosignificações* são tecidos. Percebemos, então, que ao mesmo tempo em que tecemos conhecimentos, tecemos significações para os mesmos que os explicam e nos dizem do valor que têm para o viver cotidiano. (ALVES, FERRAÇO e SOARES, 2017, p. 11)

Com essa hierarquização dos conhecimentos, somente a Ciência foi reconhecida válida como método para justificar as hipóteses humanas, desconsiderando assim qualquer forma de pensar que não se utilizasse dos postulados da Ciência Moderna, deixando à parte, assim, a complexidade dos conhecimentos criados distante do academicismo científico. “Esta clivagem organiza a modernidade. Recorta-a em insularidades científicas e dominantes sobre um fundo de “resistências” práticas e de simbolizações irreduzíveis ao pensamento” (CERTEAU, 1998, p. 65). Com esta dicotomia os saberes do cotidiano foram colocados em segundo plano, por seu aspecto do popular, dos saberes do senso comum e das formas de organização de conhecimentos não reconhecíveis como legítimas. Um ledor engano que esconde na verdade concepções de mundo e valores de determinados grupos em detrimento de outros.

Pensando nos cotidianos escolares, não podemos pensar em uma educação que preze somente pelos conhecimentos científicos e técnicos. Não podemos desprezar os conhecimentos criados nas práticas cotidianas, pois estes conhecimentos não são somente criações intuitivas sem nenhum grau de ciência em sua concepção. Os conhecimentos ditos populares são os mais afetados por este paradigma, por não possuírem a certificação que o poder hegemônico valoriza, eles são considerados inferiores e afastados dos currículos escolares. Devemos pensar então

em uma crítica ao modelo da ciência moderna, que para se “construir” teve a necessidade de considerar os conhecimentos cotidianos como “senso comum” a serem “superados” pelos conhecimentos científicos. Isso significou, na história das ciências, entendê-los como menores e

mesmo equivocados, sem compreender os múltiplos sentidos e usos que tinham para os praticantes dos cotidianos (ALVES, 2003, p. 65).

Pensar os cotidianos nos permite também considerar que os cotidianos escolares são “*espaçostempos*” para se pensar a educação, em toda sua abrangência. Para a educação, além das diretrizes que definem os currículos escolares formais, é preciso se considerar os mundos culturais que os “*praticantespensantes*” dos cotidianos escolares - não somente os docentes e discentes - trazem e levam para os “*dentroforas*” das escolas. O encontro de diferentes experiências, vivências, memórias, identidades, subjetividades e outras formas de expressões que os sujeitos da escola carregam formam as redes educativas que se tecem nos cotidianos escolares.

As redes educativas, como têm sido trabalhadas por Alves, e com as pesquisas com os cotidianos, aparecem de diferentes maneiras, não se limitando somente ao espaço formal de educação, a escola, mas sendo tecidos nos mais variados “*espaçostempos*” onde os processos educativos estão presentes:

As redes com que estamos trabalhando, já há algum tempo são assim enunciadas: a das ‘*prácticasteorias*’ da formação acadêmico-escolar; a das ‘*prácticasteorias*’ pedagógicas cotidianas; a das ‘*prácticasteorias*’ das políticas de governo; a das ‘*prácticasteorias*’ coletivas dos movimentos sociais; a das ‘*prácticasteorias*’ de criação e uso das artes; a das ‘*prácticasteorias*’ das pesquisas em educação; a das ‘*prácticasteorias*’ de produção e ‘usos’ de mídias; a das ‘*prácticasteorias*’ de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas. São todas compreendidas como de ‘*prácticasteorias*’¹ pois, nas pesquisas com os cotidianos, entendemos que nelas são criadas, permanentemente, práticas necessárias e possíveis ao viver cotidiano, intimamente relacionadas à criação de formas de pensamento a que podemos chamar teorias (2019, s/p).

Com estas considerações percebemos como é importante ter uma perspectiva diferenciada ao estar presente nos cotidianos escolares. Reconhecer o caráter sócio- histórico que forma a nossa sociedade e as relações de poder que moldam as subjetividades dos atores presentes nesse cenário, é uma forma de não se conter diante das delimitações impostas pelas dificuldades de nossa educação formal e atuar buscando uma educação que seja crítica, plural e efetiva para os tempos em que vivemos.

Dessa forma, as pesquisas nos/dos/com os cotidianos se propõem a pensar com os “*praticantespensantes*” desses cotidianos e nas tessituras de experiências, memórias, afetos e várias outras expressões que se compõem em redes nos cotidianos (ALVES, 2001). Essa maneira de se pensar em redes é uma forma de ir além das delimitações da Modernidade. A Ciência Moderna por desconsiderar os “*conhecimentossignificações*” criados nos cotidianos, considerando-os associados ao senso comum, faz com que somente os valores certificados e estabelecidos hegemonicamente pela Ciência sejam reconhecidos como válidos.

Michel de Certeau (1998) chama a atenção para diferentes modos de ação, diferenciando estratégias e táticas:

Chamo de ‘estratégia’ o cálculo de relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável em um ‘ambiente’. Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo este modelo estratégico. Denomino, ao contrário, ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. (Certeau, 1998, pp. 46-47).

Assim, enquanto as estratégias têm o caráter hegemônico, controlador, vertical e homogeneizante, as táticas estão mais para as atitudes do cotidiano, da horizontalidade e da heterogeneidade. Apesar de toda tentativa de cooptação das estratégias - burocracias, políticas excludentes, segregações - as táticas cotidianas conseguem romper essas tentativas de limitações, normalmente em coletivos - grupos políticos, sindicatos, coletivos de minorias.

Rizomaticamente, os “*praticantespensantes*” vão organizando táticas e fazendo usos⁵ (CERTEAU, 1998) que subvertem a ideia hegemônica da Modernidade. Os rizomas são como a botânica explica, microfilamentos

⁵ Nas pesquisas com os cotidianos percebemos que ao criar conhecimentos, no mesmo movimento, os seres humanos criam significações relativas à importância desses para suas vidas, explicitando o que desejam quanto às possibilidades de ‘uso’ (Certeau, 2012) dos mesmos.

subterrâneos que se tocam, se encontram e se tecem, compondo uma vasta rede de ações incalculáveis e imprevisíveis para quem vê de cima. Deleuze e Guattari (1995), definem esse conceito.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (p. 36)

Assim, com essas considerações percebemos que os saberes são tecidos constantemente nos cotidianos, abrangendo a forma de encarar a complexidade. E, assim, a partir dessa problematização descobrimos um mundo todo de possibilidades. Essa é uma atitude de subversão que inverte os valores estabelecidos pela Modernidade, ampliando as formas de percepção de uma maneira plena. São os acontecimentos dos cotidianos que nos mostram que a vida não é fria, calculável e previsível, são as multiplicidades dos acontecimentos que nos mostram a sua potência e complexidade (ALVES, 2001).

Acreditamos, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, que as nossas experiências imagéticas e sonoras são marcantes para nossa formação pessoal e identitária (ALVES, 2011). Desta forma, um artefato como o cinema, que pode parecer um simples entretenimento, se torna uma enérgica criação para se pensar os cotidianos.

É basicamente isto que Alves (2011) considera como redes educativas, as experiências, as vivências, as memórias, os sentidos, os afetos, os desafetos e uma complexa rede de tessituras que compõem esses múltiplos encontros de "conhecimentossignificações" que constituem a educação. A formação de professores se dá então "em múltiplas redes educativas, entendidas todas como de "prácticasteorias", ou dito de outro modo, nas quais práticas e teorias estão sempre presentes e se interrelacionam de diferentes modos" (ALVES, CALDAS, ROSA, 2015, p. 4).

Para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos o cinema possui uma posição significativa na relação formativa. Os filmes por seu potencial afetivo

carregam muitos sentidos para todos. Principalmente os filmes queridos, os filmes de nossas infâncias que nos lembram de momentos especiais e marcantes. As memórias são um fator constituinte da rede de afetos que vão influenciar nossas decisões na vida adulta. Os filmes, além de repletos de sentimentos, são criações que nos permitem diversas reflexões sobre fatos sociais, desta forma assistindo filmes podemos desencadear conversas que nos permitem pensar a prática docente.

Os filmes são personagens conceituais (DELEUZE, GUATTARI, 1992), aqueles que são intercessores para nosso pensamento e para nosso discurso. Alves elucida bem esta ideia

Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro - aquele com que se 'conversa' e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam. (ALVES, 2011, p.13).

Assim, pretendo conversar - no mesmo sentido usado pelo grupo - com alguns filmes que me marcaram nesta trajetória da graduação. Ressaltando de que maneira eles me marcaram, de que forma eles me sensibilizaram, como eles puderam contribuir pra minha formação e de que forma eles podem ser usados, na noção de redes educativas, em muitos outros cotidianos escolares. Inspirada também na Lei nº 13.006/14 que institucionalizou a obrigatoriedade de no mínimo duas horas de exibição de filmes brasileiros por mês em toda a Educação Básica.

Encontros preciosos em busca da liberdade

O filme *Preciosa* retrata o cotidiano turbulento e cheio de conflitos de uma jovem de 16 anos, negra, que não corresponde ao padrão estético de beleza valorizado socialmente. Residindo em uma região periférica dos Estados Unidos, os dramas e problemáticas que envolvem a personagem Preciosa são inúmeros, indo da rejeição da mãe dentro do próprio lar, aos abusos sexuais

cometidos pelo pai e ao seu sentimento de falta de pertencimento à sociedade no geral, como, por exemplo, a escola que frequenta, e a vizinhança do bairro onde vive.

Durante o filme, o espectador pode refletir, através de temas de extrema importância que surgem na trama, pois, estes temas que aparecem no filme, entre outros, estão presentes em diversas redes que se articulam em nossa sociedade. Racismo, homofobia, abuso sexual, desigualdade social, bullying etc. são temas que marcam fortemente a trama. A personagem central se vê durante grande parte do tempo cercada por barreiras que geram traumas e envolvem questões que fazem parte do seu presente e do seu passado, em especial.

Uma das redes, na qual a personagem central da trama enfrenta diversos conflitos, é o espaço escolar, no qual sofre inúmeras agressões psicológicas, já tendo sido reprovada inúmeras vezes. A direção da escola, infelizmente, não conseguia compreender o que se passava de fato com Preciosa, pois a mesma também se fechava para o diálogo, já que suas redes a formaram como uma pessoa insegura, intimidada diante de qualquer ambiente em que se encontrasse. Sendo assim, a decisão que a escola tomou foi a de encaminhar a aluna para outra instituição de ensino alternativa, que estivesse mais apta às suas necessidades.

Inserida agora em um novo ambiente escolar, Preciosa começa então um novo trajeto de muitas descobertas e aprendizagens, que também são frutos do trabalho da nova professora, em quem a personagem, aos poucos, deposita certa confiança. Conflitos extremos são travados nesse momento como, por exemplo, a descoberta de que foi infectada pelo vírus HIV. Porém, consideráveis conquistas também se deram naquele novo “*espaçotempo*” e a jovem que antes não conseguia enxergar e nem era motivada a ver suas qualidades, consegue, finalmente, perceber seu próprio cotidiano de uma outra forma.

Ou seja, ao mesmo tempo que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do poder hegemônico, vamos criando, todo dia, novas formas de ser e fazer que, “*mascaradas*”, vão se integrando aos nossos contextos e ao nosso

corpo, antes de serem apropriadas e postas para consumo, ou se acumulem e mudem a sociedade em todas as suas relações. É, pois, assim que aprendemos a encontrar soluções para os problemas criados por soluções encontradas anteriormente. É preciso ter, de modo permanente, a atenção desperta, porque as tentativas de “aprisionar” este processo são violentas e moralistas, sempre. Mas o tempo todo, também, aparecem maneiras de burlar o que querem “estabelecido”, “instituído” para sempre, surpreendendo até mesmo quem as empreende no que trazem de singular, e mesmo nos modos como se generalizam. (ALVES, 2003, p. 66)

Apesar de estarmos totalmente vinculados com as “linhas sociais determinantes do poder”, ainda conseguimos ‘*espaçotempos*’ que são capazes de nos fazer criar novas formas de lidar com nossas redes, por mais complexas que possam ser. Foi exatamente dessa forma, que Preciosa conseguiu sobreviver diante de inúmeras problemáticas que envolviam sua história, através do processo de criação que a fez perceber formas de lidar e “trapacear” com as inúmeras injustiças que sofria e poderia sofrer como, por exemplo, a proposta de um certo “trabalho” que tinha como o objetivo a exploração física e moral da personagem sem nenhum tipo de recompensa que a beneficiasse. A escolha de criar seus filhos, frutos de um abuso sexual, e a sua forma de aprender a lidar com uma doença que antes não fazia parte de seu trajeto, o que já era por si só complexo, fez com que a personagem se empoderasse.

Em contrapartida, *Escritores da Liberdade* é um filme com tantos questionamentos que acabou por ser utilizado à exaustão em cursos de formação de professores. A sua narrativa, seguindo um ritmo leve e com questionamentos pontuais fazem o filme ser de fácil ‘digestão’ por aqueles curiosos em refletir sobre a educação. Será que quando planejado os seus produtores imaginaram que o filme ia ter tanta repercussão? Este acontecimento é bom e ruim ao mesmo tempo: bom porque o filme como um artefato curricular proporciona outras possibilidades de ‘*ensinoaprendizagem*’ nos cotidianos escolares, principalmente na formação de professores; ruim porque o filme, às vezes, por ser um produto comercial, nos leva a algumas armadilhas político-epistemológicas. Percebemos no clichê da professora salvadora, dos pobres alunos marginalizados, um perigo, pelos motivos que exponho: primeiro que não podemos compactuar com a ideia liberal de que um

único sujeito pode “salvar” um sistema educativo com falhas e muito menos uma sociedade regulada de maneira equivocada; segundo que a professora não deveria sacrificar toda a sua vida pessoal para “salvar” os estudantes de sua situação, novamente o dever com a escola e com a sociedade é coletivo e principalmente obrigação das políticas públicas; e terceiro que, às vezes, por nos atermos muito a uma suposta realidade dos filmes (GUERON, 2011) caímos na potência do falso do cinema, que não é a total representação do real, o cinema é uma criação subjetiva humana, e não uma representação fiel da realidade. E então, dentro da estrutura narrativa de um filme existem diversas potências dos cotidianos que não são capturadas pelo cinema. Desta forma vamos além dos clichês e limitações que o filme nos apresenta ao conversar com a narrativa.

O filme se passa nos Estados Unidos, a famosa terra da ‘liberdade’, onde todos têm direitos de serem respeitados, entretanto, existem inúmeras complicações sociais exatamente pela intolerância, consciente ou não que marca a sociedade. O filme se passa na década de 1990 logo após as rebeliões de 1992, na cidade de Los Angeles, após a brutal prisão de Rodney King, um jovem negro, pela polícia da cidade. O caso levou a uma série de protestos pela cidade, os quais acarretaram uma semana de saques, agressões e mortes. Para tentar amenizar a tensão racial presente na cidade, diversas medidas políticas foram tomadas.

Erin Grunwell é uma professora de letras recém-formada e está empolgada com o primeiro emprego na escola ‘Woodrow Wilson High School’. Escola de Ensino Médio em que foi implementada uma política educacional, através da recém-criada Lei de Integração Racial, visando solucionar os conflitos étnicos da cidade. A escola, então, que antes possuía um ensino considerado de qualidade, começa a receber alunos de diferentes redes, das quais destaque os grupos étnicos, formados em sua maioria por: asiáticos, hispânicos e negros.

Erin é uma professora de Inglês e de Literatura, cheia de romantismo. Ela quer proporcionar a melhor educação para seus estudantes, apesar de toda

a falta de motivação dos professores, da direção e de seus próximos. Vivemos, atualmente, em uma sociedade letrada, onde o domínio da linguagem escrita é fundamental. Porém nem sempre vivemos desta forma. Através da consolidação da escolarização pública em grande escala e do advento da Modernidade que buscava, através da lógica e da razão, criar um sentido universal para o mundo, as prática da leitura e da escrita passaram a ser exigências que levaram, de certo modo, à desvalorização dos saberes oriundos das sociedades eminentemente orais.

No Iluminismo, é através do texto escrito que se justificam as ordens lógicas da sociedade, a racionalidade dos livros e a legislação das constituições nacionais retiram as ordens premeditadas do nascimento (CERTEAU, 1998). Assim, a escrita começa a se impor sobre os corpos como uma forma de controlar suas ações e suas atitudes.

A ordem pensada - o texto concebido se produz em corpos - os livros - que a repetem, formando calçamentos e caminhos, redes de racionalidade através da incoerência do universo. O processo vai se multiplicar. Ele é ainda apenas a metáfora das técnicas, melhor taylorizadas, que transformarão os próprios seres vivos em impressos da ordem. Mas a ideia fundamental já se acha presente nestes logos que se faz livros e nesses livros que, como imagina o Século das Luzes, irão refazer a história. (CERTEAU, 1998, p. 236-237)

Justificando a ordem, a Lei se escreve sobre os corpos, transformando os corpos individuais em corpos sociais, da mesma forma que o contrato social de Rousseau. Porém, sabemos que as Leis se organizam da forma das estratégias, então agem hegemonicamente muitas vezes, não sendo justas com grupos sociais marginalizados.

Para que a lei se escreva sobre os corpos, deve haver um aparelho que mediatize a relação de uma com os outros. Desde os instrumentos de escarificação, de tatuagem e da iniciação primitiva até aos instrumentos da justiça, existem instrumentos para trabalhar o corpo. Ontem o punhal de sílex ou a agulha. Hoje, a aparelhagem que vai desde o cassetete do policial até às algemas e ao box do acusado. Esses instrumentos compõem uma série de objetos destinados a gravar a força da lei sobre o seu súdito, tatuá-lo para fazer dele uma demonstração da regra, produzir uma “cópia” que torne a norma legível. Essa série forma um ponto intermediário: ela debrua o direito (ela o arma) e visa a carne (para marcá-la). (CERTEAU, 1998, p. 232)

No contexto do filme vemos de que forma as Leis atuam para estes jovens marginalizados, ao invés de propor os direitos sociais, como educação pública e de qualidade, a Lei parece só atuar na repressão dos problemas causados exatamente por essa negligência. “Não há direito que não se escreva sobre os corpos. Ele domina o corpo. A própria ideia de um indivíduo isolável do grupo se instaurou com a necessidade, sentida pela justiça penal, de corpos que devem ser marcados por um castigo (CERTEAU, 1998, p. 231).

Assim, os guetos e as gangues de Los Angeles se estendem para dentro da escola - provando que não existe dentro ou fora da escola e sim ‘*dentrofora*’ - criando então um ambiente hostil para todos ali envolvidos. Um dos estudantes é acusado de ter assassinado o namorado de outra em um conflito fora da escola. Com esse ambiente de constante conflito social fica muito difícil que uma prática educativa aconteça plenamente.

Além do descaso dos governantes, a descrença do corpo docente, a professora Erin também enfrenta a resistência dos homens presentes em sua vida: o pai e o marido. Ambos acham que ela está se dedicando demais à escola e nos outros dois empregos de meio período que ela aceitou para botar em prática seu projeto. É aqui que entra nossa crítica a esse modelo de professor salvador tão reforçado em filmes deste tipo, é preciso quase um ato messiânico individual para “salvar” os estudantes de suas realidades marginais.

Ressaltadas essas considerações vamos nos ater à proposta pedagógica que Erin buscou usar. Já sabemos que em sua turma existia uma forte tensão racial. Alguns alunos até questionam a posição de Grunwell por ser uma negra de pele clara e teoricamente estar no lado dos brancos. Após ver uma caricatura de um estudante negro, a professora decide usar o exemplo do holocausto para lidar com a intolerância presente em sua sala de aula. Mostrando as atrocidades da ditadura de Hitler, contra várias minorias como os judeus, negros, homossexuais e pessoas com deficiência, Erin mostra como a falta de respeito pode causar desastres em proporções drásticas. Para aproximar ainda mais os alunos com sua conturbada realidade e dar outro sentido a ela, a professora usa o Diário de Anne Frank para, além de mostrar as dificuldades que as famílias

judaicas sofreram e a compaixão de alguns contrários a este tipo de opressão, inspirar também os alunos a escreverem sobre a sua própria vida, dando assim outro significado as suas trajetórias. Além disso, os estudantes compartilhavam em sala estas narrativas com os outros colegas de classe.

No ato de escrever a sua própria história a professora desloca o local da literatura do cânone, trazendo para mais próximo de suas realidades a escrita. Vemos no filme que os estudantes não são empolgados com o ato de ler, porque a maioria dos livros que eles são obrigados a ler não tem conexão direta com suas vidas. Aqueles livros não os representam. “Quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam.”, como afirmou Certeau (1998, p. 266), A professora então busca uma forma de dar sentido à leitura e à escrita, “torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de “expectativa” combinadas” (Idem).

Aproximando os estudantes de uma leitura que os agrada e que se relaciona com seus cotidianos, os alunos se entusiasмам para escrever sobre suas vidas e a compartilhar e ouvir outras histórias semelhantes. Rompendo o caráter hegemônico da literatura, torna possível a eles romperem com as suas próprias limitações anteriores. Com o enfraquecimento das regras da instituição - hegemonia escolar -, “aparece entre o texto e seus leitores a reciprocidade que ela escondia, como se, em se retirando ela permitisse ver a pluralidade indefinida das “escrituras” produzidas por diversas leituras. A criatividade do leitor vai crescendo à medida que vai decrescendo a instituição que a controlava.” (CERTEAU, 1998, p. 267-268).

Desta forma, a professora “salva o dia” e consegue transformar a sua turma de alunos ‘marginais’ em estudantes interessados pelo saber. Mesmo deixando seu casamento de lado, a professora se sente realizada em ter o seu dever cumprido e ter proporcionado uma educação libertadora para seus estudantes. O filme é baseado em fatos reais. Mesmo com a presença de alguns clichês ele nos faz pensar sobre os próprios cotidianos escolares do Brasil. Não

é dever somente do professor salvador, por iniciativa individual mudar este cenário, mas sim de políticas governamentais. Quem dera que a atitude de uma professora como a do filme pudesse proporcionar este tipo de prática em grande escala e assim dar fim (ou minorar) aos problemas da educação.

Considerações finais

Assim, percebo muitos pontos de encontro entre os filmes *Preciosa e Escritores da Liberdade* e a minha própria trajetória “*docentediscente*”. muitas vezes tive que lutar contra a falta de esperança de pessoas que estavam ao meu lado, tive que superar muitas dificuldades para conseguir de fato concluir o meu curso do ensino superior e decidir atuar como professora. Apesar de serem narrativas cinematográficas, tais filmes me possibilitaram a pensar diversas questões presentes nas discussões sobre a educação na contemporaneidade, principalmente de pessoas que sofrem com os processos da desigualdade e da marginalização.

No filme *Preciosa* entendemos como a autoestima de uma pessoa é afetada positivamente pela aceitação de sua identidade, pela compreensão da pluralidade de nossas diferenças; percebemos com o afeto e a sensação de pertencimento podem proporcionar mudanças na vida das pessoas, principalmente através dos cotidianos escolares (ALVES, 2003); e como as narrativas cinematográficas, apesar dos clichês (GUERON, 2011) podemos nos proporcionar outras alternativas para pensarmos também os cotidianos escolares (ALVES, CALDAS, ROSA, 2015, p. 10).

Em *Escritores da Liberdade* percebemos como é importante para a tarefa de professor conhecer os contextos e cotidianos em que estamos inseridos. Só reconhecendo a tensão racial presente em sala, a professora conseguiu propor uma solução para o problema principal da escola. A escrita, apesar de ser um artefato controlado na escola, se usado de uma maneira emancipatória pode romper com este tipo de marca social (CERTEAU, 1998). Da mesma forma que os clichês que apesar de serem sistemas aprisionadores, podem nos

proporcionar possibilidades de ir além deles próprios e nos permitir usar a potência do pensamento que são os filmes.

As imagens, narrativas e sons são possibilidades de se tecerem outras redes nos cotidianos escolares. As experiências, as memórias, as emoções e as reflexões impulsionadas por estes filmes me possibilitaram encarar a carreira docente de uma forma bem mais ampla e crítica. É preciso que os cotidianos escolares considerem todas as fontes de subjetividades como formas contribuintes para o acontecimento escolar, pois só quanto tecermos redes coletivas e plurais poderemos superar as dificuldades contemporâneas da escola.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação, n.23, pp.62-74. 2003.

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. S. Paulo: Cortez, 2019 (no prelo; ainda sem páginas).

ALVES, Nilda. **Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente - o caso do cinema, suas imagens e sons**. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, 2011. (**Projeto de pesquisa**, entre 2012 e 2017; financiamento: UERJ, FAPERJ, CNPq).

ALVES, Nilda. **Tecer conhecimento em rede**. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: D, P & A, 1999. p. 111- 120.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; ROSA, Rebeca Brandão. **Formação de professores com filmes: os clichês como formadores de docentes**. S. Paulo: PUC-S. Paulo/Programa de Pós-graduação em Educação-Currículo. **Revista e-Curriculum**. Dossiê ABdC - "Formação Docente frente às políticas no cenário de centralização curricular", vol 13, n. 4, out-dez 2015: 775-793.

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil**. Pedagogía y Saberes No. 46 Universidad Pedagógica Nacional Facultad de Educación. 2017, pp. 7-17.

BRASIL. Lei 13.006, de 26 de junho de 2014, acrescenta § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer - 3ª ed., Vol.1.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.